

casa 404

Monalisa Bomfim¹

*por todo sempre
trançada entre
paredes verdes
na casa 404*

A casa não era grande, ocupava aquilo que a cabia dentro do terreno, três andares de solidão. Paredes verdes forradas de quadros, todos aqueles mortos espiando pelas rachaduras da alvenaria. Andar pela casa era deixar-se seguir pelas centenas de olhares cadavéricos nas paredes. Teto rachado, verde-amarelado de infiltração, cinzento de fungos, mofo esporulando no ar. Por vezes o teto parecia a ponto de ceder. Escadas acompanhadas pelo frio metal adornado. Quartos espaçosos abarrotados de móveis, armários embutidos, livros empilhados, papéis úmidos abandonados. Atmosfera de maresia, molhada e salgada, cheiro de carne cozida na urina, resto de sangue seco no papel florido da parede do corredor. Janelas largas de madeira, fechadas, condenadas, serviam para estralar até gelar a alma. Cheiro de angústia. Por trás das longas grades de ferro do portão, ninguém via a moça de olhos assustados. Grito surdo. Cheiro de medo.

...

Antes disso, era outono, os amigos procuravam uma casa para se divertir. Expedientes jovens: alguma música, álcool, jogos de baralho. Vasculharam a cidade, buscavam possíveis casas de férias. Lúcia gostava das casas em que trepadeiras trançavam os portões, formando verdadeiros portais místicos com a realidade. A pequena casa no Arpoador, número 404, parecia lugar aconchegante para os planos boêmios. Banheiros de louça cor de rosa soavam solares, o jardim verde musgo, rico em cogumelos, heliotrópios violetas e brancas astromélias. O dono era uma simpatia, fazia o melhor preço da cidade, cedia utensílios de alumínio, sugeria os melhores cômodos da casa, sacudia as cobertas floridas no sol. Fecharam o aluguel, duas semanas de solidude na natureza, no conforto do lar.

Não há quem possa negar os momentos de bem-estar que passaram, adoráveis dias com gosto de conhaque e poesia, cheiro de capim molhado, sol frio em meio as cobertas no jardim, tortas de fruta, contemplação das cores

¹ (1991, São Paulo - SP) é doutoranda e mestre em Estudos de Literatura na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Escreve contos, poemas e crítica literária. E-mail: monabomfim@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1892-6085>.

crepusculares, whisky e animados jogos de baralho noturnos. A vida de Lúcia era doce, entre amigos, vinho e a *petite ouverture à danser* tocando longe. A vida era bela quando Lúcia adormecia tomada pelo sono e despertava com os cílios ofuscados pelos raios de sol. A vida era boa para Lúcia em seu pequeno espaço-tempo na casa 404. Sete dias de felicidade e três dias abençoados. No décimo primeiro dia o dono retorna. Gente boníssima, convidaram-no para ficar para a sopa, repartiram pão, dividiram vinho e tomaram uma dose de licor. Serviram o whisky, o frio penetrava o osso, aglomeravam-se envolta da fogueira improvisada, apontavam as constelações, olha Vênus ali!

A carne de Lúcia era rasgada pelo olhar do dono da casa, evitava os olhos que ardiam entre as chamas da fogueira, tinham um não sei quê de desejo, um traço discreto de malícia, qualquer coisa de obsessão. Lúcia ia do jardim à cozinha, subia aos quartos. A casa era um abraço daquele olhar viscoso e invasivo. Sentia-se imunda de uma sujeira pegajosa que ocupava tudo, para libertar-se daquilo buscou um banho. Curiosamente não escolheu os banheiros rosados do primeiro e segundo andar, foi para aquele de louça verde do terceiro andar, até então inutilizado. Passo a passo, Lúcia sentia milhares de olhos sobre seu corpo, acompanhando o seu languido movimento até o banheiro. O banho quente de chuveiro dentro da banheira, vapor transformando o mundo em vertigem, sentia vergonha. Apoiada nos azulejos Lúcia sentiu o calor da casa, algo rompeu e pulsou dentro dela. A banheira transbordou e Lúcia chorou, se sentia invadida. Desligou o chuveiro, olhou a inundação ao seu redor, respirou fundo o vapor verde, sentiu cheiro de sangue.

Vestida de toalha branca, Lúcia retornou ao quarto, largada na cama olhou o relógio na escrivaninha. Ainda meia noite? O banho pareceu tão longo, muito mais de horas, quase dias. Loucura, ela refletia. Pensava no vapor inalado, no cansaço ilógico causado pelo banho. Olhou novamente o relógio, desviou para escrivaninha. Faltava uma gaveta. Curioso, no fundo de onde a gaveta deveria estar: um papel. Ainda de toalha, Lúcia agachou na altura da gaveta ausente e, com alguma dificuldade, agarrou o bilhete. Com olhos baixos leu: “bem-vinda”. Quando ergueu o olhar sentiu o estômago revirar gelado, o dono da casa a encarava da porta com olhar vidrado. Ele sorriu e acenou. Lúcia, discretamente, amassou o bilhete com uma das mãos e acenou de volta com a outra, não sorriu. O homem, satisfeito, retirou-se, mas não sem antes expressar para Lúcia um olhar que tinha qualquer coisa de vitória.

Lúcia dormiu um sono agitado, sonhava que fugia do verde para o branco, caía num escuro cercada de cadáveres, descia escadas apenas para chegar de novo no mesmo andar. Acordou arfando, assustada com a janela de madeira que estalava com o vento, já era dia, mas tão nublado, parecia noite. O vento uivava gritos de suplício, vozes agudas, contínuas, ventavam, invadiam, cobriam tudo com pó melancólico. A janela estralava raivosamente, Lúcia se vestiu de um pulo. Achou curioso encontrar no meio das coisas um vestido amarelo, não lembrava de o ter colocado na mala. Pensou em usar o vestido, achou a ocasião imprópria. Escolheu

qualquer coisa confortável. Pensou que pesadelos eram apenas sonhos, hoje era só um dia nublado e ela podia ter se enganado e pego qualquer peça amarela trocada.

Na porta do quarto, Lúcia respirou fundo, sentiu cheiro de sal e mofo. Alongou as costas e achou curioso o jeito como a moça enquadrada na moldura oval se parecia com ela. Soltou o ar e do degrau em que estava viu a sala vazia. Os amigos podiam ter dormido todos no jardim, vendo estrelas e divagando constelações. Porém, no jardim, folhas acumulavam-se como se a muito não passasse ninguém. A ausência de qualquer traço de fogueira despertou Lúcia para o silêncio palpável que pesava na umidade do ar. Sentia descompassar o coração, que se debatia do peito à garganta, em um frenesi crescente, até o último cômodo da casa que Lúcia encontrou vazio. Quando chegou de volta a sala já chorava, tremia, abandonada, desconstruída. Os amigos tinham se esquecido dela? Tinha escolhido ficar na casa? Não lembrava. As últimas horas pareciam confusas, os últimos dias soavam como vertigens.

Qualquer que tivesse sido o caminho, ela escolhia partir da casa agora. Em ânsia quase infantil, Lúcia queria fugir para bem longe e nunca mais voltar. Ela subiu em busca da mala, encontrou o dono da casa no quarto, ele gargalhava achando a afetação dela muito engraçada. Ela sentiu faltar palavras para combatê-lo, bateu à porta como resposta. Na escada novamente percebia, quase que intuitivamente, tinha um vestido amarelo muito parecido com o do retrato. Tinha urgência em partir, sair dali, deixar aquele ar quente, sufocante, ar de cozido de carne passada. Precisava do ar para além das longas grades de ferro do portão. Mas onde ficava a abertura? Por que não encontrava a saída? O vento frio gelava o osso, a respiração de Lúcia oscilava, os olhos perdiam-se, sentiu que iria desabar como a velha casa abandonada. Mas algo a segurou, aquele homem, o dono da casa, a própria casa.

Entre as coisas do destino, as mais curiosas são as coincidências. Naquele momento, os amigos de Lúcia, por acaso, passavam em frente ao portão 404. Viram o dono da casa, aproximaram-se com olhos marejados, trocaram duas ou três palavras. Recordaram dias solares, lamentaram o suicídio de Lúcia, morte precoce, alguém que parecia tão feliz entre eles. Como doeu encontrar o corpo pálido afogado em sangue na banheira do terceiro andar. Com olhar fixo nos amigos, ela sentia a gota fria da consciência percorrê-la. O olhar alternava entre os amigos e aquele homem. Tentou gritar, entendeu que era em vão. Não era vista, não era ouvida, não mais existia. Com o peso da inexistência sobre seus ombros, chorou amargamente. “Mas quanta bobagem!”, dizia a voz incisiva daquele homem, que já se despedia e a conduzia de volta para casa.

Na sala, Lúcia despreendeu-se dos braços e, com lividez, caminhou até o retrato oval da escada. A fotografia não mostrava outra mulher senão a própria Lúcia, no seu melhor vestido amarelo, compondo o verde-amarelado da parede em decomposição. A consciência de que agora pertencia a casa veio como banho gelado no inverno, entendeu que seus olhos só percorreriam aqueles mesmos corredores para sempre, mais um par de olhos cadavéricos junto a tantos outros. Todas as vidas

roubadas pela casa 404, todas encarando de volta a nova moradora. Apática, Lúcia questionou o porquê daquilo, olhou nos olhos do homem e compreendeu, a casa tinha fome de sangue. O homem a abraçou, incapaz de reagir Lúcia cedeu, sentiu seu corpo se justapor ao dele, como retrato na parede, enlace eterno transbordando mal-estar. Para sempre vagaria entre as paredes verdes da casa 404. O restante, já sabemos, é cheiro de medo.